

serrote

UMA REVISTA DE ENSAIOS, ARTES VISUAIS, IDEIAS E LITERATURA



CONCURSO *serrote*
LEIA O ENSAIO VENCEDOR

Originalidade e vigor intelectual fizeram de “Próteses de proteção” o vencedor do terceiro Concurso de Ensaísmo *serrote*. Sua autora, Maria Lucas, atravessa com desenvoltura teorias de gênero, relato pessoal e memória afetiva propondo uma reflexão que, ancorada no presente, não se limita a ele. « “Para além do distanciamento social atual”, escreve a artista e pesquisadora, “meu corpo já é distanciado, de distintas formas, do convívio em sociedade, assim como a grande parcela de pessoas trans no Brasil”. « Escolhido entre 1600 inscritos – examinados sem a identificação dos autores – o ensaio que apresentamos em seguida foi escolha unânime de Carla Rodrigues, professora de filosofia, Djaimilia Pereira de Almeida, escritora, e João Fernandes, diretor artístico do IMS, colegas do júri formado ainda por Guilherme Freitas, editor assistente da *serrote*, e por mim. « Evandro Cruz Silva e Raphael Grazianno, segundo e terceiro lugares, podem ser lidos na *serrote* 35-36, edição dupla pensada para marcar, por sua excepcionalidade, um ano atípico e especialmente propício ao pensamento crítico. « PAULO ROBERTO PIRES

1º LUGAR / CONCURSO DE ENSAÍSMO *serrote*

Maria Lucas

Próteses de proteção

Para os corpos trans, desde sempre em isolamento social, as máscaras são um escudo a mais contra as múltiplas agressões da cisgeneridade tóxica



Maíra Barillo

Colagens a partir de *selfies* de Maria Lucas. © Maíra Barillo

Máscara como prótese

Promover a higienização da população mundial talvez seja um dos propósitos das medidas adotadas durante a pandemia de covid-19. Ao precisar sair do casulo-casa e adentrar o espaço da urbe, esboço um estudo que se dá pelo meu olhar: talvez sair de casa seja sempre lançar nossos olhares ao mundo e buscar um diálogo com ele. Para que nossos corpos executem suas tarefas diárias incólumes ao vírus, torna-se necessária uma série de procedimentos: luvas, álcool em gel, máscara. E tais procedimentos aguçam o olhar, que, atento, não só observa a cena de uma cidade grande mas também é atravessado por ela. Atravessado, atravessada, é pouco para falar deste corpo que aqui observa-escreve: diria mesmo atraveçado, atravecada, por aqui se tratar do corpo de uma mulher trans, uma travesti. Para além do distanciamento social atual, meu corpo já é distanciado, de distintas formas, do convívio em sociedade, assim como a grande parcela de pessoas trans no Brasil, o país que lidera o ranking mundial no extermínio dessa população.

Explícito que estou pensando e absorvendo essa atual vivência mundial, a quarentena, a partir da minha vivência pessoal, deste corpo trans. É uma vivência que se faz no minuto em que escrevo este texto que chega aos seus olhos, continuando esse fluxo de devires ensaísticos. Por agora, os convido a focar no ponto que observa, o meu corpo. Convido a focar mais especificamente numa parte dele, o olho. Mas não apenas no olho, e sim no ato de olhar.

Desde meus primeiros anos, questionavam-me se eu usava máscara de cílios. Máscara, nos cílios, eu não usava. Meus cílios espessos estavam alocados em

um corpo inconformado com tudo o que lhe era imposto, como os xingamentos de “bicha” em casa, na igreja, na rua, na escola. Ouvir essa palavra de forma anedótica ou odiosa nesses lugares fez com que meu olhar atento buscasse, nos contornos do meu feminino afeminado corpo infantil, o que estava errado para que o entorno me distanciasse como se eu portasse um vírus. Desde cedo, este olho absorve o mundo como quem, sendo um corpo-erro, está fadado ao isolamento social aliado ao vexame público. Estando neste corpo, fui aprendendo a ampliar o olhar e, com isso, perder-me e encontrar-me em uma multidão de eus, com possibilidades que ampliaram o meu olhar, fazendo com que entendesse este (m)eu corpO como corpA. O processo de entender-me como travesti foi uma construção de múltiplas possibilidades de reverter as injúrias alocadas neste corpo-erro e usá-las como próteses identitárias que serviam como escudo para as múltiplas agressões que vivi e vivo ao longo da minha transexistência. Assim como a palavra “bicha”, até mesmo a identidade de gênero travesti é afirmação identitária construída a partir de injúrias violentamente impostas a corpos como a minha.

Na vida adulta, este olho passou a usar máscara nos cílios. A corpa que olha e se autoinscreve é uma corpa que tem o cílio como parte atuante neste ex-corpo, agora corpa. Como uma prótese. Essas inscrições talvez tenham a ver com usar proteções identitárias que auxiliem um corpo a viver ou com próteses para facilitar a sobrevivência da pesquisadora atravessada pelo gênero, pela cidade, pela pandemia. Talvez tenha a ver com criar escamas, físicas e identitárias, que nos protejam e nos tragam poder e força em meio a uma sociedade hostil a corpos que fogem

e deturpam suas normas opressoras – e/ou para vencer uma pandemia mundial.

Os cílios gigantes e pintados que uso diariamente se complementam hoje pelas máscaras que tenho que usar para ir ao mercado, à padaria ou buscar uma encomenda na porta de casa. As máscaras também, e isso vem sendo muito discutido com outras amigas travestis, têm sido uma prótese de afirmação de gênero para muitas de nós. O rosto, que pode ter traços lidos como masculinos pela nossa sociedade cis-hétero-centrada, é camuflado por um pano que esconde gogó, nariz grosso e vestígios de barba, garantindo assim uma maior “passabilidade” para mulheres trans e travestis. Ao contrário de amigadas cisgêneras que têm comentado diariamente o suplício de usar máscara quando vão à rua, eu tenho me sentido protegida por sofrer menos assédio e violências gratuitas. Quando preciso abrir a boca e expor minha grossa voz de travesti, deixo de sofrer somente misoginia e passo a sentir a transfobia descarada – quando abro a boca, as máscaras transfóbicas caem e a cisgeneridade tóxica infecta de um jeito que nem o álcool em gel pode limpar.

Para compreendermos o que venho definindo como prótese, será preciso pensar que o ato de renegar o lugar de corpO e reivindicar-me como corpA está mais ligado a expandir os limites corporais do que a perder algo intrínseco à natureza. A natureza, aqui, está ligada ao corpo biológico, ao que já possuímos quando do nosso nascimento. Nesse caso, podemos pensar em expandir, ou melhor, nos tornar, em vez de nos limitarmos pelo que já nos foi imposto, nos foi dado. Assim como Simone de Beauvoir já disse que “não se nasce mulher, torna-se”, eu não nasci travesti, mas estou atraveçando em pleno fim de um antigo

mundo em que vivemos. Como canta Jup do Bairro: “Não somos definidos pela natureza assim que nascemos,/ mas pela cultura que criamos e somos criados./ Sexualidade e gênero são campos abertos de nossas personalidades/ e preenchemos conforme absorvemos elementos do mundo ao redor./ Nos tornamos mulheres ou homens, não nascemos nada.”¹

Todo esse esforço para aproximar você deste meu corpo-ensaio talvez seja uma maneira de expor que o momento da quarentena se dá exatamente numa fase em que acabo de viver minha transição social: mudança de documentos, hormonização e reivindicação como travesti em um mundo que está em ruínas. A cisgeneridade compulsória começa a ruir em minha corpa na medida em que a covid-19 avança no Brasil e no mundo. Essa tem sido a minha transição, lembrando que não existe apenas uma maneira de transicionar, são várias as transições que vivemos em vida, transição é sempre! Mas, por agora, não falarei da multidão que somos e podemos ser, mas sim de uma experiência pessoal da minha corpa com cílio-máscara, na urbe da quarentena carioca.

Em um dia nada normal e distante ainda da suposta nova normalidade, nos primeiros meses da quarentena, preciso sair da minha casa, no centro do Rio de Janeiro, para ir ao banco. Faço parte de uma parcela da população que foi contemplada com o auxílio emergencial, mas não podia realizar os procedimentos pelo celular, pois naquele momento não tinha um aparelho. Ao desfilar meu corpo-máscara-cílio transgênico por ruas desertamente quarentenadas, sou perseguida por um carro guiado por um homem que me fere com seu olhar atravessadamente sexualizante por detrás de sua máscara higieniza-

dora. Ao me sentir oprimida, grito um NÃO bem alto e grosso com minha grave voz de travesti. Ao entender que este objeto-corpo não se tratava de uma mulher cisgênera, mas de uma trans, o homem joga o carro sobre a calçada e quase me atropela, assim como o machismo e a transfobia atropelam milhares de corpos cotidianamente, com ou sem vírus. Eu falo de violências explícitas a corpos como a minha, pois o falo do corpo-atropelador é posto para fora e rapidamente recebo um convite para, em meio à pandemia e suas restrições, entrar no carro e receber dinheiro por minutos de prazer (prazer dele, é sempre sobre e para eles!). Ao me sentir intimidada nesse atropelo da minha segurança corporal, saco meu canivete-corpo, ameaçando furar um dos pneus ou qualquer outra construção do lugar de falo que ele ocupa. A porta se fecha, o carro some e o corpo-falo some, falando somente injúrias para a minha corpo enfraquecidamente potente, que deixa cair no chão as próteses que a defendem do mundo que a rodeia. O cílio-prótese cai, pois a situação fez com que minha corpo suas-se de ódio. (M)Eu (olhar) fico(a) turva(o), arranco a máscara. O cílio está pisado, atropelado pelo pneu do falo-carro que me oprimiu. A máscara está pesada, amassada em minhas delicadas e potentes mãos que reagiram – ela reagiu! Assim também eu estava, oprimida, amassada, pisada e pesada, vulnerável e sem máscara em meio a uma rua deserta e caótica, onde um vírus pode se instalar no meu corpo-corpo apenas por eu tentar um respiro, suspiro, choro. As gotas caem no chão, na terra, no cílio, e talvez façam brotar sangue, não o meu, mas o de outras travestis que aqui, muito antes dessa pandemia, não resistiram como eu no hoje agora.



Corpo-coro

Esta corpa cheia de órgãos, corpa sem juízo e multiplicada por atraveçamentos de devires desviantes da normalidade (seja do antigo ou do novo normal), se encontra potente por expulsar o carro-falo mas também por sentir que neste chão que pisa, e onde caiu seu cílio, existe uma transancestralidade latente, uma espécie de concílio potente de travas do ontem e do agora. Arrancar a máscara e gritar para o carro-falo é arrancar um grito do antes para, no hoje, construir defesa para as travas do amanhã.

Assim como as *fa'afafines* da Samoa, as *hijras* da Índia ou as *muxes* do México, temos nesta terra uma identidade construída e autodenominada por vivências brasileiras, a travesti. Nesta terra em que hoje derramo minhas lágrimas e deixo de ser uma CorPaciência para tornar-me CorPotência, antes da invasão europeia já existiam as *cudinas*² e, logo depois, uma diversidade de corpas transgressoras de gênero oriundas do continente africano e trazidas de forma desumana para serem escravizadas no Brasil colônia, aqui denominadas como “Mulher paciente”.

Por essas ruas em que preciso atravessar fronteiras, as de gênero em primeiro lugar, passaram desde os anos 1950 muitas travestis empregadas pela arte do teatro, sobretudo as brancas e mais semelhantes ao padrão de feminilidade imposto socialmente. Muitas artistas vivenciam suas experiências de gênero nos palcos do centro do Rio, e logo em turnês pela Europa, para depois compreenderem-se como corpas em suas vidas cotidianas, nessas ruas onde estou neste momento. Essa geração de corpas femininas (sobre)viveu à ditadura militar, de distin-

tas maneiras. O lugar que ocupo hoje como pesquisadora, com artifícios que me permitem organizar compreensões da minha corpa e do mundo que a cerca, construindo uma fricção entre ambos e plasmando-a nessas páginas, se dá muito por ser uma travesti branca. Podemos observar que, mesmo com esse fenômeno do teatro acolhendo corpas trans nos idos dos anos 1960, se exclui em grande parte corpas negras, geralmente oriundas de classes sociais mais pobres, e tendo a prostituição compulsória como única forma de transicionarem, viverem e construírem seus mecanismos de cura, de família e de afeto.

Num breve passeio de múltiplos saltos temporais, podemos observar uma diversidade de corpas que, assim como a minha, criam problemas à categoria gênero. A possibilidade de mudar o artigo no fim da palavra “corpo” é, talvez, uma forma de (des) construir um corpo que fale, que se manifeste na vida, e, aqui na escrita, promovendo movimentos e Trans-Formação. Um corpo que busca menos enrolar a língua para falar a palavra “*queer*” e que mais se orgulha por estar em movimento gritando, com ou sem máscara, que vive, estuda e escreve sobre Bicha, Viado, Sapatão e Travesti.

Pensando sobre a terra em que me assento para buscar os resquícios da minha prótese-cílio, penso em outra geografia em um lugar próximo da cidade, os muros universitários, pelos quais a invasão americana e europeia importou a palavra “*queer*”, disseminando-a nesses espaços de difícil acesso. Diria mais: os muros universitários, assim como as instituições de arte e educação, não foram e não são construídos por corpas trans, para elas e nem com

elas. Essa dívida histórica se faz presente no meu corpo, na minha corpa, no desenrolar dessa e de outras agressões que relatei e na feitura destas páginas que você prontamente lê numa publicação em que talvez eu seja, mais uma vez em espaços culturais, a única artista transtravesti.

Desde que iniciei minhas compreensões de ser e estar uma corpa, chegaram nestas enormes mãos os escritos de Paul B. Preciado, sobretudo “Multidões queer: notas para uma política dos anormais”. Interessa-me pensar, como sugere o autor, que não somos “o outro” ou uma “minoría”, mas que somos múltiplas, variadas, temos história, ancestralidade, e merecemos, com urgência, estar humanamente, e humanizadas, em todo e qualquer lugar que nossas corpas desejarem ocupar. Para isso, seria necessário pensar menos com os olhos dos colonizadores, até porque, por mais que Preciado seja trans, é um homem branco europeu, acadêmico e de classe privilegiada. Enquanto isso, eu e muitas outras travestis estamos transicionando e tentando sobreviver em meio a um país e uma quarentena que nos exclui de forma desumanizadora.

Para isso, seria necessário pensar em um coro, não no da nossa corpa-pele agredida na labuta diária, mas no que formamos nessa pólis carioca como uma multidão transtravesti. Não um coro de homens, mulheres, idosos, bacantes ou fúrias, mas um coro transvestigênera,³ um corpo-coro que não enuncia os atos vividos por outrem, mas que orchestra a perfuração de uma estrutura social rigidamente sólida, o gênero. Um grupo que vive e que precisa gritar para que seus direitos básicos sejam ouvidos como súplicas, uma construção de um corpo-ópera, que opera

no sentido de passear por todas as classes sociais, do falo-carro que alivia o seu prazer antes de voltar à sua “família de bem” aos palcos teatrais ou telas televisivas, das ruas desertas do centro da cidade às páginas deste ensaio que agora, de maneira dionisiaca e não linear, chega aos seus olhos.

Esse corpo-coro passa por minha corpa e por minha escrita, mas não começa aqui e nem termina aqui, afinal, “por que deveriam nossos corpos finalizar na pele?”⁴ Esse é então um coro de Divinas Divas, com Rogéria, Roberta Close, Telma Lipp. Um coro com Linn da Quebrada, Pepita, Claudia Wonder. Renata Carvalho, Jaqueline Gomes de Jesus, Aretha Sadick. Luana Muniz, Luísa Marilac, Lacraia. Helena Vieira, Meime dos Brilhos. Ventura Profana, Dandara Vital, Castiel Vitorino Brasileiro, Bianca Kalutor e muitas outras que perfuram a máscara social da hipocrisia e da ficção de gênero arquitetada para manutenção e higienização dos corpos.

Sendo coro, somos mais fortes. Sinto meu choro que escorre e se esvai nesta terra, me sinto forte porque pensar em tantas que somos me (re)faz fortaleza neste novo mundo, nova era. Como atravessaremos, como coro, este novo normal? Que novo é esse, se o sistema sempre nos matou, distanciou, infectou e subalternizou? Posso então, colocada como subalterna, escrever e falar? O que é normal?

“Por que você [que me lê ou me vê] não me abraça”?⁵ É só por conta do perigo do vírus ou porque o meu corpo, para a nossa [possível nova e antiga] sociedade, é uma ameaça?



Proteção (prótese em ação)

Falar de violências contra nossas corpos ainda é, infelizmente, falar de uma parte intrínseca de nossas transexistências. Não porque acredite que nascemos em um corpo errado, mas porque nascemos em uma sociedade que erra ao perpetuar padrões que nos agridem e culpabilizam. Por isso, o movimento de falar sobre determinadas agressões é também um movimento de explicitá-las e compartilhá-las, com o cuidado de que não sejamos apenas (re)conhecidas pelas nossas dores, pelo que nos fere.

Antes de ser estuprada, eu não pensava muito sobre ser mulher, estava muito ocupada em ser uma bicha afeminada numa favela carioca. Foi graças à violência dos outros que pude compreender o que causava ao expressar minha subjetividade em meu corpo, minha corpa, essa corPotência de burlar as regras de gênero. Ao me entender como mulher e me empoderar como travesti, passei a compreender o perigo que meu gênero traz, cerceando minha liberdade sagitariana; é uma afronta às imposições sociais de gênero que chega a ser mais cruel do que as violências que vivi passando infância e adolescência em favelas do Rio de Janeiro. Independentemente de gênero ou genitália, de onde venho, todos somos excluídos; passamos fome e frio e víamos a vala passar na porta de casa, ou até entrar nela, nos dias de chuva. Víamos, não, pois ainda vemos, levando em conta que minha querida mãe vive até hoje na mesma casa onde nasci antes de me tornar uma travesti mundo afora. Quando penso na força policial no Rio de Janeiro, tenho menos vontade de expor a violência que sofri por eles, que com suas armas

fálicas invadiram os buracos do meu corpo durante alguns minutos daquela noite Mal Dita. Sim, eu não falo bem ou falo pouco do ocorrido, pois as cicatrizes ainda não curaram, elas são fraturas expostas neste corPoluído, diluído e potencializado pela violência que recebe do mundo ao se reivindicar trans. Escancarar as multiplicidades de violências impulsionadas contra minha corpa em apenas um rascunho de escrita, um ensaio. Talvez a tentativa de não expor irmãs pertencentes a esse (m)eu corpo-coro e de colocar-me como corpo-ensaio, dissecar-me para que quem leia esta corpa-escrita passeie nessa urbe transcrita com a escritora trans em ação.

Nós, mulheres trans e travestis brasileiras, na ditadura militar e durante as décadas de 1970 e 1980, fomos exacerbadamente perseguidas, como na Operação Tarântula, que perseguia e matava de forma ultraviolenta esse nosso coro-transvestigênera, com o intuito de higienizar a cidade, sobretudo depois do início da epidemia de HIV/aids. Naquele momento, por alocar no corpo trans o estigma do risco do HIV, minhas transancestrais recorreram a giletes para se automutilarem, conseguindo assim fugir das torturas físicas e psicológicas nos presídios e nas delegacias. Ao mostrar nosso sangue, tido como perigoso, nos tornávamos intocáveis pelas forças truculentas do Estado. A boca servia como esconderijo para resguardar a gilete e, em revista policial, não sermos incriminadas por portar objeto cortante. O corpo, com seu afiado objeto, se automutilava para que, a partir da repulsa ao sangue travesti, conseguíssemos obter um pouco do nosso direito à liberdade.

(M)Eu canivete talvez seja um descendente direto da gilete de minhas transancestrais, das que eu

fui ontem, que morreram para que eu (re)nascesse e estivesse aqui viva, transcrevendo essa transreevolução. Essas próteses são alocadas em nossas corpas pura e simplesmente para que estejamos vivas e ile-sas do vírus da cisgeneridade.

Se hoje todos precisamos da máscara, da luva, do álcool e de ter cuidado no contato social, eu e as mi-nhas sempre tivemos de caminhar na urbe sob peri-go e proteção constante (e cortante), fugindo de prá-ticas e culturas sociais que buscam incessantemente o nosso apagamento, a nossa morte, perpetuando um ideal de higiene e bem-estar social que nos alija do resto da sociedade. Quem são os corpos que, em meio à pandemia-quarentena, fazem filas enormes nas portas dos bancos para sacar seu auxílio emer-gencial, assim como tentei no dia em que fui atraves-sada, e quase atropelada, pelo carro-falo? E, se elabo-ro esses pensamentos no atrito da minha corpa com a urbe, nesta construção literária que agora adentra sua retina, ousou questionar: quantas travestis foram lidas por você antes do presente momento? Quantas foram suas professoras? Quantas estiveram presen-tes nas bibliografias dos cursos que você deu ou fre-quentou? Estamos e seguimos (tentando ser e estar) vivas, e estamos dispostas a dar essas respostas em forma de existência, para além da resistência.

Sigo (tentando ser e estar) viva, protegendo-me e usando inúmeras próteses que me protegem e me resguardam nas minhas ações diárias, sobretudo em uma pólis que insiste em me distanciar, apagar, lim-par, matar.

-
1. Jup do Bairro em “O que pode um corpo sem juízo?”, do álbum *Corpo sem juízo* (2020).
 2. Entre os indígenas Guaicurus, há relatos sobre a existência de travestis, denominadas por eles como *cudinas*.
 3. Termo que se refere a toda pessoa não cisgênera, cunhado por Erika Hilton, codeputada estadual em São Paulo pelo mandato coletivo da Bancada Ativista (PSOL), e por Indianare Siqueira, militante e pessoa à frente da Casa Nem, um dos principais abrigos para pessoas trans em vulnerabilidade social no Rio de Janeiro.
 4. Donna Haraway, “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século 20”, 1985.
 5. “Por que você não me abraça” (2018) é o título de um artigo de Megg Rayara, travesti e doutora em educação pela Universidade Federal do Paraná.

Maria Lucas (1989), também conhecida como Ma.Ma. Horn, é uma multiartista carioca, mestra em artes da cena (ECO-UFRJ) e graduada em artes cênicas (PUC-RJ). Atualmente, é pesquisadora pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-Rio), em parceria com a Capacete, e busca interseções entre ficção e realidade em sua arte-vida, em prol de uma melhor construção de imaginário social para corpos trans.

Nascida no estado do Rio de Janeiro, **Maíra Barillo** (1990) cria imagens fotográficas, colagens e bordados sobre a teoria cuir, a monstruosidade e o grotesco.

Leia na *serrote* 35-36

CONCURSO *SERROTE*

Próteses de proteção

Maria Lucas / Maíra Barillo

Orfeu enfrenta o genocídio negro

Evandro Cruz Silva / Abdias Nascimento

Baltimore, ainda

Raphael Grazziano

ENSAIO

O gênero queer

David Lazar

IDENTIDADE

Afropessimismo

Frank B. Wilderson III / Bianca Leite

SOCIEDADE

A vida pulsante das periferias

Juliana Borges / Rebeca Ramos

VIDAS NEGRAS

Geração Trayvon

Elizabeth Alexander /

Lynette Yiadom-Boakye

ENSAIO VISUAL

Armas

Mulambö

CENTENÁRIO

Diante da solidão de Clarice

Ana Maria Machado

RACISMO

A raça é a pele, e a casta, o osso

Isabel Wilkerson / Titus Kaphar

CENTENÁRIO

Construir portas abertas

Eucanaã Ferraz / Le Corbusier

ARTE

Retratos da insubmissão

Rachel Cusk / Cecily Brown e Celia Paul

ENSAIO VISUAL

Trópicos: malditos, gozosos e devotos

Rivane Neuenschwander

AUTORITARISMO

Estrangeiro em dois mundos

Thiago Amparo / Daniel Trench

RELIGIÃO E POLÍTICA

Contra o cristofascismo

Ronilso Pacheco / Matheus Jadejishi

ALFABETO SERROTE

C de Cancelamento

Luciana Silva Reis

DEBATE PÚBLICO

Os inimigos da livre expressão

George Packer / Gerty Saruê

LITERATURA

O povo contra o falecido

sr. William Butler Yeats

W. H. Auden / Loredano

LITERATURA E WEBNAMORO

Proust, gado d+

Victor Calcagno

ENSAIO

Discurso sobre o filho-da-puta

Alberto Pimenta

CAPA: Mulambö, *Faço fogo e carrego a fogueira*, 2019
